

**ENTREVISTA****Eduardo Benevides, diretor operacional da Copa Engenharia**

## TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO PESADA

O diretor operacional da Copa Engenharia, Eduardo Benevides, acredita que para o país avançar em termos de tecnologia, é preciso mudar a cultura de que o mais barato é o melhor.

Eduardo Benevides é engenheiro civil formado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e também economista pela Universidade de Fortaleza. O engenheiro é atualmente o diretor operacional da Copa Engenharia, empresa especializada em obras de infraestrutura rodoviária, atuante no segmento há 23 anos.

Nesta entrevista Eduardo falou sobre o mercado de tecnologia e as suas particularidades tendo como pano de fundo obras privadas ou públicas.

O executivo, que é um entusiasta da tecnologia dentro do segmento de construção, traz também uma visão do panorama fora do país.

Veja a seguir alguns trechos da entrevista.

**MOBA do Brasil - Como você vê a aplicação de tecnologia em obras de construção pesada no Brasil?**

**Eduardo Benevides** - Primeiramente é importante destacar que muitas obras de infraestrutura no Brasil são de investimento do setor público. O setor público daqui não tem aquela política de premiar a qualidade de quem executa com boa performance, como nos Estados Unidos e Europa. Essa prática estimula o mercado em geral a investir em tecnologia.

No Brasil, por melhor que o empreiteiro se saia, aplicando um pavimento de melhor qualidade por exemplo, vai receber o mesmo valor que receberia se aplicasse algo de qualidade inferior, porém que atendesse às especificações.

Eu vejo que, de modo geral, poucas empresas investem em tecnologia para equipamentos. Entretanto percebo que esse comportamento vem mudando nas construtoras que trabalham para concessionárias de rodovias ou de aeroportos. Percebo também, que nas concessões mais recentes, o pessoal busca mais por tecnologias que o mercado em geral.

No Norte e Nordeste não tem ainda muita concessão de rodovia - já os aeroportos estão sendo concedidos agora. Então quando uma construtora dessa região investe por exemplo em tecnologia para a acabadora de asfalto, a intenção está mais relacionada com a qualidade da aplicação de pavimento, que com o retorno financeiro.

Já no caso da tecnologia para rolo compactador, como é o caso por exemplo do MCA-500 da MOBA, eu vejo economia. Você economiza passadas e atinge a compactação desejada, ou seja, além de você ganhar em qualidade você também ganha em economia.

”

O setor público aqui não tem aquela política de premiar a qualidade de quem executa com boa performance, como nos Estados Unidos e Europa.

”



Obra de compactação no Ceará  
 Foto: arquivo MOBA

**MB - Qual a sua opinião sobre o impacto cultural na implantação de tecnologia nas obras brasileiras?**

**EB** - Nossos operadores não têm tanta qualificação tecnológica, por isso cria-se uma resistência. Toda mudança provoca uma resistência inicial, então temos dois obstáculos: a mudança, que gera um pouco de insegurança, de medo; e a barreira da qualificação dos operadores. Eu acho que, muitas vezes, o medo do operador é de não saber usar a tecnologia, e, então, ser substituído por alguém que saiba.

”

Nossos operadores não têm tanta qualificação tecnológica, por isso cria-se uma resistência. Toda mudança provoca uma resistência inicial...

”

**MB - Como você vê a atuação de empresas de tecnologia no segmento?**

**EB -** Eu tenho visto mais tecnologia em feiras e exposições do setor, não só aqui no Brasil, mas também no exterior, como a Conexpo em Las Vegas e a Bauma em Munique. Tenho notado que a cada nova edição dos eventos, a quantidade e o tamanho dos stands aumentam. Acredito que o interesse dos visitantes também tem sido maior.

Eu procuro sobre tecnologia na construção pesada mais ativamente e utilizo a internet para me manter atualizado. Converso também com outras empresas de São Paulo, Paraná, concessionárias, distribuidoras de asfalto, já que elas também investem em tecnologia e assim fico sabendo das novidades.

**MB - Como você acha que o setor de construção pesada no Brasil estará em 5 anos?**

**EB -** Eu acho que tem muito investimento para acontecer. A infraestrutura no Brasil é muito carente. E não me refiro a apenas novas concessões, mas também a obras convencionais de novas rodovias, pequenas rodovias e duplicações.

Eu não acho que o setor de obras pesadas foi muito impactado pela pandemia. Acho que freou um pouco, mas as coisas estão se encaixando novamente.

Acredito que temos que mudar a cultura de que o mais barato é o melhor. Essa máxima define a forma de licitar as obras públicas, onde o menor preço acaba vencendo. Acho que precisamos rever, abrir a mente!

Os órgãos de controle da união têm um pensamento enraizado de tirar um item de planilha, visando enxugar os gastos. Essa prática pode ser um tiro no pé!

Às vezes com um pouco mais de investimento, você garante em troca, uma maior rentabilidade, durabilidade e retorno para o usuário. Precisamos defender isso!

A engenharia como um todo, é um trabalho de formiguinha. Pouco a pouco desconstruímos a imagem que pegou no Brasil de que obra tem que ser a mais barata e só pode ser assim.

Temos que prezar por obras que durem, com mais qualidade. Se tiver que pagar mais por ela no início, tudo bem!

Às vezes com um, dois anos você já vai ter que fazer uma obra de reparo, intervenção. Um custo que não entra no cálculo, mas existe. Paralisação parcial da rodovia, uma carga que demora mais para chegar no seu destino, viagens mais demoradas, congestionamentos, é um efeito cascata. Isso impacta indiretamente a economia!